

Os muitos valores da moeda

Muitas moedas locais estão sendo criadas e são muito úteis diz Ester Barinaga da Universidade de Lund, na Suécia

Por Diego Viana

Valor, de São Paulo, 25/07/2024

Desde a crise de 2008, o número de moedas existentes no mundo se multiplicou. As criptomoedas, que vão muito além do Bitcoin e do Ether, adquiriram tanta fama que sua cotação é acompanhada pela imprensa especializada. Mas o fenômeno ultrapassa a cultura digital. Cidades e outras administrações locais também começaram a emitir seu próprio dinheiro, eletrônico ou em papel, e pequenas comunidades estabeleceram sistemas de crédito mútuo.

O fenômeno da invenção monetária mostra que o dinheiro é fruto de diferentes tipos de “design”, a tal ponto que não se reduz às noções clássicas da moeda nacional ou do equivalente geral, segundo a espanhola-sueca Ester Barinaga, professora de empreendedorismo social da Universidade de Lund, na Suécia. No livro “Remaking Money for a Sustainable Future” (Refazer a moeda para um futuro sustentável), Barinaga mostra que cada uma dessas iniciativas — criptomoedas, moedas comunitárias, moedas locais — ressalta um aspecto diferente da instituição complexa que é o dinheiro.

Iniciativas de moedas locais, como na Sardenha (Sardex) ou em Málaga, na Espanha (Málaga Común), buscam fomentar relações comerciais locais, protegidas das flutuações do mercado nacional ou global. Outro mecanismo tradicional é a moeda carimbada, que perde valor com a passagem do tempo. Baseado nas ideias do economista alemão Silvio Gesell (1862-1930), foi implantada pela primeira vez em 1933 no vilarejo austríaco de Wörgl. A ideia era induzir as pessoas a gastarem, em vez de acumular. Na época, a experiência foi considerada bem-sucedida por reduzir o desemprego local, mas acabou abortada por decisão do Banco Central do país.

Já as criptomoedas enfatizam a perspectiva da moeda como mercadoria, cuja principal característica é possuir liquidez infinita. De acordo com Barinaga, apesar do grande interesse que suscitou, essa tecnologia não é muito transformadora e só reproduz a ideia mais disseminada sobre a natureza do dinheiro.

O Brasil se destaca no mundo da invenção monetária. O Banco Palmas, fundado na periferia de Fortaleza em 1998, foi uma iniciativa pioneira e segue ativo. No Rio de Janeiro, a cidade de Maricá emite desde 2013 a moeda Mumbuca, que já inspirou outros municípios vizinhos. Centenas de bancos comunitários se espalham pelas periferias do país, reforçando laços locais por meio do comércio.

Valor: *A sra. relata que se interessou pelas moedas sociais ao conhecer um projeto em Málaga. O que chamou a sua atenção?*

Ester Barinaga: Trabalho há tempos com os subúrbios estigmatizados de cidades suecas. Os processos em projetos sociais costumam ser lentos, porque a mobilização é difícil. As pessoas se encontram, discutem questões da comunidade, mas podem não ter tempo disponível, já que às vezes têm dois, três empregos. Com as moedas, o que me marcou foi a combinação de interesses materiais e sociais. O grupo que conheci se encontrava semanalmente, organizava mercados e seminários, compartilhava conhecimentos. Outra coisa é que claramente eles sabiam mais sobre dinheiro e economia do que nós, professores de uma escola de negócios.

Valor: *Na libra de Bristol, famoso projeto da última década, mas já extinto, a moeda social valia o mesmo que a libra esterlina. Nesse caso, qual era a vantagem de usar o dinheiro local?*

Barinaga: A libra de Bristol foi um certo paradigma das moedas complementares, como se houvesse um único modelo possível. Mas há muitos, que envolvem o design do próprio dinheiro. Esse design define se a moeda funciona ou não. O de Bristol, de plena conversibilidade, é o pior, porque uma pessoa entra no sistema comprando a moeda, que só é aceita no comércio local. Então por que abdicar de cem libras que podem ser gastas em Londres por dinheiro que só vale em algumas partes de Bristol? Só as pessoas muito preocupadas com a comunidade e o clima fariam isso. E gente com situação econômica confortável o bastante para correr o risco de perder dinheiro. Isso exclui as pessoas que a moeda pode beneficiar mais: os pobres. O design não funciona, porque reforça a desigualdade.

Valor: *O segredo é evitar a conversibilidade?*

Barinaga: Muitos colegas defendem a conversibilidade com o euro ou a moeda nacional. O problema é que esses projetos costumam começar com um fundo específico. Mas, quando o dinheiro acaba, porque as pessoas convertem de volta para o euro, o projeto também acaba. Isso aconteceu com a Rec de Barcelona, cujo financiamento vinha da União Europeia. Mesmo que cheguem mais fundos, cedo ou tarde os participantes se cansam.

Valor: *Na Sardenha e em Málaga, o dinheiro não está atrelado ao dinheiro nacional?*

Barinaga: O dinheiro é contabilizado do mesmo jeito: um para um. Algo que custa 20 na economia convencional custa 20 “comunes” em Málaga. Mas esse valor não é conversível.

Valor: *Como se sustentam?*

Barinaga: Esse design se chama “crédito mútuo”. Como se cria o dinheiro? A decisão é tomada conforme o comércio ocorre. Imagine que nós criemos um mútuo. Decidimos que vamos negociar bens e serviços entre nós com a moeda complementar. Então abrimos uma conta para cada um. Na sua conta, há um zero. Se decido comprar livros de você, combinamos um preço; digamos, 150. Sua conta recebe 150 e a minha fica negativa em 150. Mas eu não te devo dinheiro. Você pode usar seus 150 com outros serviços oferecidos. E eu tenho o compromisso de oferecer bens e serviços à comunidade. Isso mostra que o dinheiro não é só algo que você tem ou não, e que você pode trocar. Dinheiro é a relação, um sistema de registro de atividade econômica.

Valor: *Nas situações descritas no livro, em que há uma crise e o comércio local pode ir à falência, como as moedas ajudaram a manter negócios de pé?*

Barinaga: Com as moedas complementares, muitas vezes as empresas veem o comércio aumentar, porque a pessoa que as usa também gasta mais da moeda nacional, já que poupou alguns gastos. Mas o que mantém o comércio vivo é que os lojistas combinam de usar a moeda entre eles. Podem renovar o mobiliário ou adquirir insumos, mesmo em tempos de recursos escassos. Uma vez que a empresa faliu, ela não retorna de imediato quando a crise acaba. Começar de novo não é fácil. O simples fato de manter as lojas vivas acelera a recuperação. Pesquisas mostram que essa pode ser uma razão da estabilidade da economia suíça, país que tem o sistema de crédito mútuo mais antigo do mundo.

Valor: *É o Wir [Wirtschaftsring]?*

Barinaga: Exato. O Wir existe desde 1934 e pode ser a explicação da estabilidade da economia suíça: eles têm neutralidade monetária. Quando as empresas não têm o franco suíço

para trocar, recorrem ao Wir. Se há mais francos, o Wir é menos usado. Isso introduz equilíbrio, mantendo as empresas vivas.

Valor: *No Brasil, a moeda Mumbuca, de Maricá (RJ), tem envolvimento direto da prefeitura. Quando há um governo envolvido, é diferente?*

Barinaga: Há cidades redesenhando o dinheiro no nível local, mais próximo do cidadão. Algumas cidades, inclusive, conectam as moedas ao sistema de arrecadação de impostos, o que lhes dá poder de mudar o comportamento individual e a dinâmica da comunidade. A moeda é um instrumento com enorme capacidade infraestrutural. É capaz de reorganizar a sociedade, se a combinação for bem feita. Como são comunidades pequenas, é possível adaptar o dinheiro às necessidades e prioridades dos cidadãos, mobilizando-os para administrar o dinheiro e aprender sobre ele.

Valor: *Hoje, a sra. trabalha em iniciativas de economia social em Kisumu, Quênia, usando moedas complementares. Como são organizadas?*

Barinaga: A ideia inicial era estudar as moedas de Mombasa, conduzidas por empreendedores sociais, com base criptográfica, para reproduzir em Kisumu. Mas veio a pandemia e tivemos que acelerar. Começamos um crédito mútuo, mas logo vimos que não ia funcionar. Trabalhávamos com agricultores informais, que são muito pobres e se mudaram para o campo na pandemia. Eles se mudaram para suas casas ancestrais, fugindo do isolamento imposto às cidades. Uma das pessoas que se mudaram foi um organizador comunitário chamado Silas. Em Kisumu, ele contactou os anciãos e se juntou a uma cooperativa de agricultores e lhes contou sobre as moedas comunitárias. Então eles nos pediram para introduzir uma moeda em Aboke. Ela se chama Aboke Pesa.

Valor: *É uma moeda digital?*

Barinaga: No início, sim. As que encontramos ao chegar eram, porque os comerciantes de Kisumu, mesmo pobres, têm celulares. Alguns, inclusive, smartphones. Mas o digital não funcionou, porque a maioria dos agricultores no Quênia não tem telefone. Quando voltei, no ano passado, vi que eles espontaneamente trocaram pelo papel. Essa mudança foi um processo inspirador de aprendizado monetário. Eles perceberam que o dinheiro não é só o uso: ao negociar, são eles que criam dinheiro.

Valor: *Outro modelo é o dinheiro carimbado, que perde valor periodicamente. Que lição tiramos do caso de Wörgl, que foi encerrado por decisão do Banco Central?*

Barinaga: Essa é a questão-chave. Projetos como esse adotam o imaginário do dinheiro como registro, não como mercadoria, então a relação com o Estado é presente. Pode ser o Estado nacional ou um governo local, o que faz toda diferença. Eram os anos 1930, com ventos nazi-fascistas soprando na Europa, e esses grupos não queriam que o poder monetário se disseminasse por governos locais. Hoje, o tempo é outro, apesar de tudo. Há o entendimento de que em muitos dos desafios que temos os governos não fazem o suficiente. É o caso do clima e da desigualdade, desafios muito

sentidos no nível local, como nas inundações. Há municípios organizando redes de cidades para aprender uns com os outros e testar diferentes soluções.

Valor: *É um dinheiro que não pode ser acumulado. De onde vem sua eficácia?*

Barinaga: O mecanismo de perda de valor, que os espanhóis chamam de oxidação, é interessante porque nos ajuda a pensar sobre dinheiro de um jeito diferente. Dou a meus alunos exercícios em que atuam como comerciantes. Compro com o dinheiro que tem

oxidação e com o dinheiro que tem juros. Na sala de aula, em meia hora, eles se comportam de forma bem diferente. É um mecanismo poderoso.

Valor: *É um design comum hoje?*

Barinaga: O caso Wörgl inspira algumas comunidades. Tem uma nas ilhas Canárias, a Demos. A alemã Chiemgauer é famosa e tem forte efeito pedagógico. A ideia, basicamente, é que seja uma reserva de valor ruim, para que as pessoas não queiram acumulá-la. Mas moedas que circulam só em uma região pequena já são reservas ruins. Você não pode usar a moeda de Maricá em Niterói ou Cabo Frio. Então elas circulam rápido, que é o objetivo da oxidação: induzir as pessoas a gastar. Os benefícios adicionais da oxidação na moeda local são menores. Mas é uma ótima ferramenta pedagógica.

Valor: *É possível ao crédito mútuo ganhar escala e se tornar nacional ou internacional?*

Barinaga: Há casos de ganho de escala fascinantes. É um aprendizado monetário que vem de baixo para cima. A população estuda as moedas quando as utiliza. Quando Maricá começou a sua, em 2013, ela era baseada em papel. Naquele momento, era uma ideia estranha. Em 2018, passaram para o digital. A distribuição da moeda se associou a formas de benefício como o Bolsa Família. Quando a pandemia chegou, a prefeitura e os cidadãos não só tinham conhecimento sobre como o dinheiro funciona, mas havia uma infraestrutura tecnológica poderosa. Maricá implementou o auxílio emergencial com enorme agilidade. Muitas cidades sofreram, porque um grande setor da economia é informal. São comerciantes e cidadãos que nem são registrados. Para receber o auxílio, tinham que se registrar e criar uma conta bancária.

Valor: *Isso ocorreu em pleno isolamento social.*

Barinaga: As pessoas faziam fila diante dos bancos, quando era preciso evitar aglomerações. Em Maricá, elas tinham o aplicativo, se registravam e recebiam a renda básica. Quando visitei o Rio no ano passado, havia oito cidades próximas replicando a experiência de Maricá. Niterói tem a Arariboia, Cabo Frio está seguindo, Saquarema. Cidades governadas tanto pela esquerda quanto pela direita. Porque os cidadãos exigem. O conhecimento monetário se espalhou. Uma pessoa em Saquarema pode dizer: meu primo de Maricá tem essa moeda. Por que nós não temos?

Valor: *O que esperar das criptomoedas?*

Barinaga: Não vão mudar nada. É uma tecnologia acessível há 15 anos, o que é muito tempo hoje em dia. A inteligência artificial, em dois anos, mudou muita coisa. Em 15 anos, a internet mudou uma infinidade. O que as criptomoedas mudaram? Nada. Elas não são dinheiro, embora usem o termo “moeda”. São ativos financeiros, como uma casa. As pessoas as compram por seu valor especulativo, não porque podem negociar com elas.

Valor: *A tecnologia pode servir aos fins da economia social?*

Barinaga: A tecnologia é potencialmente muito poderosa por ser distribuída. A moeda de Wörgl foi fechada pelo BC e isso não aconteceria com registro distribuído. Há uma iniciativa que tenta fundir os poderes do blockchain, com sua natureza distribuída, com um design monetário mais propício para comunidades. É a Moneda Par, da Argentina. Ela permite que as comunidades criem moedas de crédito mútuo, podendo negociar entre si.